OCUPAÇÃO URBANA E RESISTÊNCIA: ENTRE O SUJEITO QUE FALA E O SUJEITO FALANTE

CABANHA, Samuel
Doutorando pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em "Sociedade Cultura e Fronteiras" (PPGSCF), UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.
E-mail: samuelcabanha@globo.com

Introdução

Esta pesquisa se situa no campo das ciências humanas e toma a Ocupação Urbana do Bubas em Foz do Iguaçu - PR como estudo de caso. O pressuposto teórico-metodológico gira em torno da Análise do Discurso (AD) Francesa e, segue a orientação *Pecheuxtiana-Althusseriana* em sua articulação com a história, tratando das condições sociais de produção e materialização do poder no discurso oficial em contraposição ao discurso dos sujeitos da ocupação. Para a AD, o estudo da linguagem em toda sua estruturação teórica é totalmente interdisciplinar, pois abrange a materialidade da linguagem, os conceitos da psicanálise e as diversas ciências sociais.

Do ponto de vista cientifico e social essa análise se justifica, pois, para além de compreender melhor esse fenômeno urbano-social, "a ocupação urbana", é condição *sine qua non* problematizar as condições de produção que vigoram nestes tempos de inflexão ultraliberal, pois embora já exista um arcabouço institucional e jurídico sedimentado desde o início dos anos 2000, com a aprovação da Lei Federal nº. 10.257, de 10 de julho de 2001, todavia não se têm dado a devida importância a esta lei, chamada Estatuto da Cidade, que regulamentou os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, que tratam da Política Urbana, pois ainda se observa muita inépcia (omissão-ausência) de respostas às demandas por moradia e acesso à infraestrutura e serviços urbanos.

1 Fundamentação Teórica

Para dar forma - teórica - a este artigo, buscou-se a contribuição de diversos autores(as) da AD que, com sua *savoir-faire*, trabalham noções de práticas discursivas e identitárias que permeiam sujeito e discurso, bem como, com conceitos ligados ao papel

da memória discursiva e da memória social enquanto processo(s) histórico(s) resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos.

Nesse sentido, fazendo esse giro pela Análise do Discurso (AD) de linha francesa, o núcleo duro deste texto se inspira em Michel Pêcheux que, dota a AD como uma teoria do sentido, criando um modelo de análise da linguagem – de produções efetivas da linguagem – se inspirando na contribuição de três grandes áreas: ***a linguística*** (que contribui para uma visão do código linguístico – da organização da língua), ***o marxismo*** (que contribui com o conceito de ideologia) e, a ***psicanálise*** (que contribui com a noção de sujeito – que é atravessado pelo discurso).

Com a contribuição dessas três áreas, se instituiu um novo campo do conhecimento que trabalha com a convergência de conceitos, promovendo uma ruptura no(s) estudo(s) da linguística, se desvinculando da materialidade dos estudos de AD de origem inglesa, que se concentravam mais na forma (teoria textual – teoria do texto) e vai se concentrar mais com a interpretação do discurso em sua relação com o contexto social em que são produzidos e em sua relação com a ideologia. Dessa forma, fazendo a distinção entre língua (forma) e discurso (sujeitos falantes em situações reais e concretas de comunicação em sua relação com o contexto), Pêcheux promove uma ruptura em relação à linguística *Saussuriana* (linguística ligada à forma) e propõe uma linguística ligada ao sentido (ao uso da fala e não ao sistema linguístico).

2 Resultados Alcançados

Como o objetivo foi compreender como a memória discursiva mobiliza os sujeitos da ocupação de modo que estes, através das estratégias de resistência, restabeleçam os implícitos, não apenas de relações de sentido (relação entre discursos), mas também de relações de força (relação de um discurso com a posição daquele que enuncia), necessariamente, buscou-se fazer uma discussão, que se centrasse e se materializasse na língua em uso (discurso) e em uma memória discursiva existente no município como *corpus* de análise.

Adotou-se esse método (forma de fazer) pois, mesmo sabendo que a cidade é polifônica, o que se vê/ouve repetidamente é uma (re)criação de formações discursivas que buscam homogeneizar os discursos em torno de uma cidade-vocação. Segundo

Mariani (1998, p. 34-35) “os sentidos “esquecidos”’ funcionam como resíduos dentro do próprio sentido hegemônico”, sendo que é justamente a disputa de interpretações, e tudo o que a ela concerne, que se pretende trazer a tona neste trabalho.

Nesse sentido, o que se pretendeu não é dar uma resposta, mas sim, outra interpretação (sentidos outros) e assim desvelar essa memória discursiva que, sempre presente, promove um apagamento/silenciamento que se dá na ordem do discurso. Mariani (1998, p. 34-35) designa tal fenômeno como “memória social”, sendo que esta memória social refere-se a “um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos”, de modo que, como resultado desse processo, “ocorre à predominância de uma de tais interpretações e um (às vezes aparente) esquecimento das demais”.

Assim, este artigo buscou desvelar as formações discursivas que (re)produzem uma dissonância discursiva entre um sujeito que fala (a cidade) e um sujeito falante (o sujeito da ocupação) e, considerando que o discurso é sempre um ato de produzir sentidos, quer seja pela fala, pela escrita ou por imagens, o cerne da análise se deu por essas vias, ou seja, explorando as estratégias de resistências operadas por essas formas, enfatizando algumas ações sociais coletivas de caráter sociopolítico levadas a cabo pelos sujeitos da Ocupação do Bubas em Foz do Iguaçu - PR, como forma de organizar e expressar sua(s) demanda(s) por território, enquanto terreno disputado material e simbolicamente.

No exemplo a seguir (Figura 1), têm-se uma imagem que serve para “ilustrar” como os sujeitos da ocupação resistem através da construção de um modo de dizer. Onde o estado não aparece, se engendra uma fissura-ruptura que (re)inclui um interdiscurso e os (re)introduz como interlocutores nesse discurso. Essa conexão entre de um lado “a materialização” e, de outro lado, o simbólico, nos auxiliam compreender os efeitos desse processo, a saber, a cidade não apenas como superfície, mas, principalmente, como produção social, enquanto realidade concreta.

Figura 1: Imagem de uma estratégia de improviso: galão de água preso a uma peça parte de bicicleta (garfo dianteiro) para proteger a lâmpada em um poste elétrico na Ocupação do Bubas



Fonte: https://www.h2foz.com.br/noticia/a-vida-e-o-sonho-pela-casa-propria-na-maior-ocupacao-do-parana

Conclusões

Ainda que no campo da AD não exista fechamentos ou comprovação de hipóteses, enunciar esse tema é fundamental para deslocar matrizes discursivas que "funcionam" por efeito em cadeia[1] e, como as disputas territoriais se dão tanto por vias materiais quanto simbólicas, cabe colocar aqui, o que Euclides da Cunha vaticinara em "Os sertões", a saber, "o martírio do homem"[...], "nasce do martírio secular da Terra" [...], "ali é o reflexo de tortura maior" [...], "abrangendo a economia geral da vida" [...]. Como o movimento de (re)construção, (re)significação e de exploração do espaço é contínuo e também se engendra no campo do discurso, pode-se dizer que isso gera uma forma específica de produção do espaço enquanto espaço discursivo.

Referências bibliográficas

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. **As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político.** Rev. Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/14432/pdf - Acesso em: 02. Set. 2020.

[1] Efeito que sugere a ideia de um efeito ser a causa de outro efeito gerando uma série de acontecimentos semelhantes de média, longa ou infinita duração.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E.; GRIGOLETTO, E. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias – Sujeito e língua**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 9-33.
LEPETIT; B.; TOPALOV, C. ***La ville des sciences sociales***. Paris: Belin, 2001. p. 7.

MARIANI, B. O **PCB e a Imprensa – Os comunistas no imaginário dos jornais** (1922-1989). Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Renavan, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **O discurso fundador.** Campinas: Pontes, 1993.
SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. *et. al*. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.